

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LENDAS E CONTOS DO LITORAL DO PARANÁ

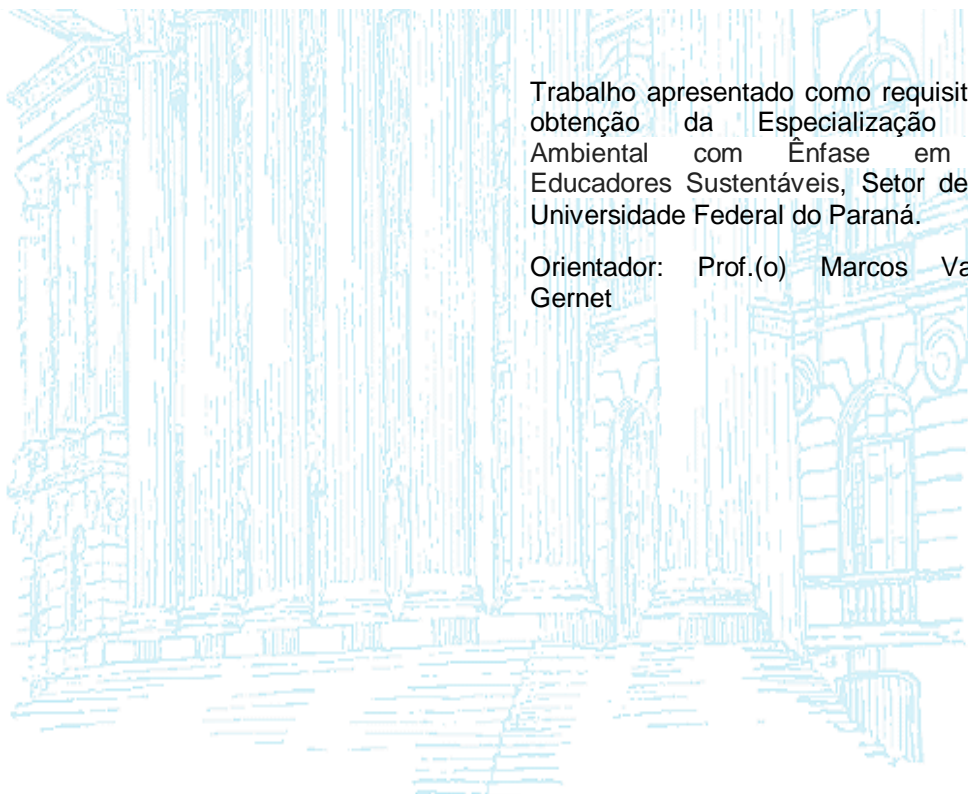
MATINHOS

2015

RUTH KELLEN CATÃO CHAVES



LENDAS E CONTOS DO LITORAL DO PARANÁ



Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção da Especialização Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis, Setor de Litoral da Universidade Federal do Paraná.

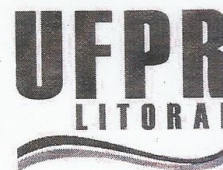
Orientador: Prof.(o) Marcos Vasconcellos Gernet

MATINHOS

2015



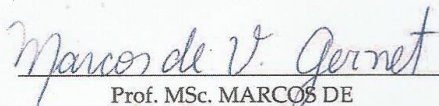
Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral
Curso de Especialização Educação Ambiental com
Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis

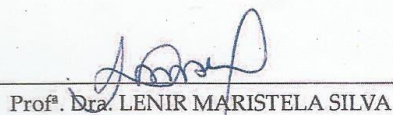


PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor Mestre **MARCOS DE VASCONCELLOS GERNET**, realizaram em 26/06/2015 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **RUTH KELLEN CATÃO CHAVES**, sob o título "**LENDAS E CONTOS DO LITORAL DO PARANÁ**", para obtenção do Título de *Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "**APL**".

Matinhos, 26 de junho de 2015.


Prof. MSc. **MARCOS DE VASCONCELLOS GERNET**


Prof.ª **Dra. LENIR MARISTELA SILVA**


RUTH KELLEN CATÃO CHAVES
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

RESUMO

O trabalho centra-se em compreender, dialeticamente, o contexto no qual estão inseridas as lendas e contos do litoral do Paraná e perceber o significado que adquire na totalidade da teia onde se encontra ancorado. Nossa abordagem baseia-se nas histórias orais a fim de participar a educação que hoje acontece distante da realidade local, para uma fase inicial de identificação. Este trabalho tem como objetivo demonstrar o quanto movimentos sociais, independentemente de sua força ou cultura se mantém até hoje nas populações tradicionais, sendo estes influenciados ou não por fatores ambientais. Estes movimentos sociais expressivos envolvendo grupos tradicionais perpassam toda a história do Brasil e suas características culturais devem ser perpetuadas.

Palavra chave: Lendas, Contos, Litoral do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 A IMPORTÂNCIA DE CONTAR HISTÓRIAS	2
1.2 A FORMA COMO AS HISTÓRIAS MUDAM AO LONGO DO TEMPO E TAMBÉM PELA DISTANCIA	3
1.3. O LIVRO DIGITAL.....	4
2. OBJETIVOS	5
2.1 OBJETIVOS GERAL	5
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
3. METODOLOGIA	5
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	7
5. CONCLUSÕES	12
REFERÊNCIAS	13

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na ideia de resgate cultural de contos e lendas do litoral do Paraná, buscando garantir a sobrevivência de mitos, e suas expressões, repassados oralmente de geração a geração, bem como entender com se dá a sobrevivência destes saberes. De acordo com Filho, (1972) Lenda pode ser um “episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e tempo”.

Considerando o conceito anterior de lenda, observou-se no livro História do Paraná de Romário Martins uma definição sucinta do litoral do estado que nos conta parte dos momentos iniciais quando este ainda era apenas um local de difícil passagem, segundo o referido autor;

“ No Paraná a curva excessivamente reentrante da costa, fez com que a navegação dos primeiros séculos após o descobrimento não procurasse os portos das nossas baías, senão excepcionalmente, como por exemplo a arribada da náu de Hans Staden, do Superagui de 1548. O próprio Pero Lopes com sua esquadra de exploração, em 1532, passou ao largo barra de Paranaguá ao explorar a costa de S. Vicente ao Rio Prata. A Serra do Mar, confinando o advena na orilha atlântica, até que os caminhos facilitassem os transportes pela bruteza das escarpas, fez com que o povoamento do planalto e o seu desenvolvimento se fizessem com lentidão.” (MARTINS, 1938)

A comunidade litorânea desta região neste sentido possui conhecimentos únicos que advém dos primeiros povoamentos da região e da miscigenação das populações. Contudo como em qualquer processo de sobreposição de culturas o litoral do Paraná teve e ainda tem processos de interferência cultural sejam estas positivas quando se somam conhecimentos ou negativas quando se perde o conhecimento tradicional ou história local.

Desta forma podemos, de acordo com Laraia (2007), separa-los em pontos distintos de interferências culturais que causam a perda de suas particularidades e ou de saberes locais. De acordo com (Diegues, 1999)

“... a população caiçara ao longo de sua história pra além de não terem uma dinâmica padronizada como em outras culturas, pois esta dinâmica se restringe a cada região de uma maneira muito particular, o que a torna pequena enquanto cultura, pois se detém a uma única região, não havendo por tanto uma forma de categorizar a Cultura Caiçara como um único elemento.”

As festas no litoral do Paraná valorizam o artesanato, o turismo local, e comemoram algumas características de cultura, culinária, bebidas locais e religiosidade. Estes momentos possibilitam a propagação de conhecimento e cultura local, pois através da oralidade e descontração estamos mais abertos a aprender coisas novas.

Segundo (Vigotysk, 1984),

“Aprendizado ou aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas.” (...) “O ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial a seu desenvolvimento.” (Vigotysk, 1984),

Algumas das festas típicas da região do Litoral do Paraná são: Festa do Divino no município de Guaratuba , da Tainha e também do Pescador no município de Paranaguá, de São Pedro na Ilha do Mel , Camacho - Festa do Camarão e do Chope e do Padroeiro São José no município de Pontal do Paraná. Estas comemorações tradicionais que ocorrem nestas comunidades fazem com que a Cultura se propague e chegue a outras comunidades através da interação entre as pessoas que frequentam estas festas.

1.1 A IMPORTÂNCIA DE CONTAR HISTÓRIAS

A história em quanto narrativa é de suma importância, pois através dela se proporciona a identidade de uma população ou se constata como era essa identidade e como os processos culturais de determinada região se davam, Cardoso (2000) em referência a Certeau vem dizer que,

“A narrativa histórica, como a escrita da história, em uma formulação, ainda de De Certeau, “tem uma função simbolizadora, permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe na linguagem um passado e abrindo um espaço próprio para o presente: marcar um passado é dar lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narrativa que enterra os mortos como meio de estabelecer um lugar para os vivos”.

De acordo com Mateus (2012), “As histórias narradas sempre acompanharam a vida do homem em sociedade. Por meio delas, foi possível a preservação da cultura... A narrativa é a arte de contar histórias que é tão antiga quanto o homem”.

Quando esta leitura é feita por um adulto ou até mesmo pela própria criança esta entra em um mundo imaginário no qual, às vezes, tudo se torna possível. Segundo Cunha (2009), "... a imagem é um dispositivo cultural que opera como instrumento mediador..." com isto, podemos levar ao aluno o conhecimento através da análise de imagens e da leitura transformadora na avaliação de lugar, história e cultura promovendo a identidade local.

Desta forma as histórias ou lendas são importantes, pois são a primeira forma de se conhecer o contexto social ao qual se está inserido, assim ela auxilia não só o estudante mas também o professor, na medida em que este se torna um objeto de trabalho e de leitura com várias possibilidades.

Pondé, (1989) ressalta que "O livro deve ser tão atraente para a criança como uma revista em quadrinhos, um desenho animado ou uma gostosa brincadeira", desta forma compreendemos que em termos de utilização de livros de lendas tradicionais, para uso de registro cultural é também necessário que o mesmo possua atrativos, afim de que seja acessado, para que então possa se imaginar que esta vertente de patrimônio cultural continue a ser conhecida e não seja perdida no tempo, assim como um dia se manteve atual.

1.2 A FORMA COMO AS HISTÓRIAS MUDAM AO LONGO DO TEMPO E TAMBÉM PELA DISTANCIA

O tempo é dividido entre passado, presente e futuro e estes estão interligados de uma forma inseparável e colocamos assim por que não existe um sem o outro. O mesmo ocorre para as lendas e contos, em um passado, tal história pode ter sido verídica, no entanto na medida em que a população cresce e suas necessidades mudam, também muda a estória, o que fica é apenas o caráter educativo de cada uma. Filho (1973), apud Manfredo Leite diz que "a história se alimenta da verdade" e a lenda se alimenta da fantasia. Então podemos considerar que lendas e contos também são a união entre uma verdade e uma fantasia.

1.3. O LIVRO DIGITAL

O acesso à Internet nas escolas vem através das salas de informática, no entanto sabemos que esta não é uma tarefa fácil por vários motivos, que vão desde a criação das condições tecnológicas para que professores e alunos possam usufruir da diversidade de informação online, do interesse dos professores, de sua capacitação, da colaboração e partilha com outros.

A integração dos serviços da Internet nas práticas de sala de aula com um propósito definido planejado assim como jogos e brincadeiras, pode proporcionar um enriquecimento temático, social e ainda a inclusão digital para os estudantes na escola.

Segundo Moram (1997) “a Internet é mais eficaz, quando está inserida em processos de ensino-aprendizagem e de comunicação que integram as dimensões pessoais, as comunitárias e as tecnológicas”.

Neste contexto um e-book que traz para escola a cultura local, além de propiciar a divulgação cultural e manter a renovação e o processo de transmissão desta, também faz o trabalho de inclusão do local em rede global, fazendo com que algumas das características únicas de algumas culturas que podem ser percebidas através de suas lendas e contos tenham para além do discurso e do registro de imprensa, o registro online de sua memória cultural local.

Segundo o pensamento de Robert Darton (2010), há uma falsa leitura e preconceito com relação a utilização deste tipo de mecanismo dentro da escola, seja pela falta de recurso ou ainda pelo senso comum que tem como jargão a dita frase “os livros serão trocados, pelos computadores” na realidade o pensamento correto em relação a este mecanismo didático é que este inclui em seu processo de comunicação dos livros é uma forma diferenciada de disponibilização do livro mas que não extingue de forma alguma “o bom e velho livro de papel”. Segundo Batista (2011);

“A partir da agilização das rotinas burocráticas de empresas e de instituições governamentais possibilitada pelo advento do computador e da internet, analisa-se a influência das novas tecnologias no mundo do livro, da leitura e das bibliotecas. Diferentes autores sugerem que, ao invés de uma simples substituição do livro pela internet, há uma tendência no sentido da coexistência e da convergência dessas mídias. A preservação da fonte primária ganha relevância no ambiente da informação eletrônica.”

Seguindo o discurso de Darton e Batista, o e- book de Lendas do Litoral do Paraná vem como advento no intuito de manter vivos os costumes e contos locais, e ainda tem a facilidade de ser impresso e/ou apresentado em forma de PDF devido a maleabilidade fornecida pela plataforma digital, tornando o livro duplamente acessível, seja para o professor inovador ou para o professor tradicional acostumado a usar o quadro-negro.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAL

Levantar, avaliar e resgatar lendas e contos do Litoral do Paraná.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estimular o gosto pela leitura, por meio da contação das histórias
- Promover um contato maior dos alunos com a cultura local.

METODOLOGIA

O trabalho contou com 40 entrevistas via plataforma online do Google Forms totalizando uma coleta de 47 lendas de seis das sete regiões do litoral do Paraná, resultando em 25 lendas, eliminando as que se repetiram “ipsis litteris”. O trabalho foi desenvolvido no período de março de 2014 a junho de 2015.

Segundo Vanhoni (2008) “o Litoral do Paraná, está localizado na Região Sul do Brasil entre as Latitudes 24°30`S e 26°00 `S e longitudes 48°00`W e 49°00 W”. Ainda sobre a localização do Litoral do Estado, de acordo com Estades (2003) “O conjunto dos sete municípios litorâneos representa apenas 3% da superfície do Paraná (Figura 1). Por sua vez, o tamanho dos municípios é bastante desigual, sendo Matinhos o menor, com 111,5 km² (2% do total); e o maior, Guaraqueçaba, com 2.159,3 km² (35% do total)”.



Figura 1: Mapa da planície costeira do litoral do Paraná, com destaque nos sete municípios de coleta de lendas da região.

Este trabalho tem seu início na UFPR Setor Litoral através do Projeto de Aprendizagem onde se tem a ideia de construir um gibi de ciências com histórias da região. No entanto com o passar do tempo este foi se tornando um livro de lendas, para que se mantivesse a história e estas pudessem ser compiladas em um único livro. Para tanto foram organizadas em uma tabela por município, sendo importante ressaltar que no município de Guaraqueçaba não houve resultados provenientes das entrevistas, pois as pessoas se negaram a falar das histórias, apenas confirmando que elas existiram ou existem no local.

O registro deste ícone se deu através de entrevistas, pesquisas bibliográficas e narrativas. A partir do contato com várias pessoas da comunidade, com destaque para a Ilha de Valadares, Guaraqueçaba, Morretes, Guaratuba e Matinhos. Nestas cidades efetuaram-se entrevistas via internet e também uma busca bibliográfica em materiais gráficos como o livro da Secretaria de Estado sobre lendas, o Livro do Sambaqui e o Livro das Lendas Caiçaras. As lendas foram organizadas por região a partir do contexto geográfico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o processo de coleta e busca pelas lendas percebemos que quanto mais distante for a comunidade, mais alterada estará a história contada, e a forma de se referir a objetos. Nestas comunidades distantes percebemos uma grande decadência deste processo de transição da tradição local. Aliado a esta observação foram feitas entrevistas, que nos mostram este déficit de transmissão de aprendizado que antes era passado por gerações e está perdendo força na medida em que estas comunidades se voltam para outro fator que julgam ser mais importantes. Neste sentido Laraia (2007), afirma que existem dois tipos de mudanças culturais: "uma interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é resultado do contato de um sistema cultural com um outro. " Porém ressaltamos que Laraia ao exemplificar estes dois tipos de interferências em algumas de suas grandes particularidades, a dinâmica do próprio sistema é lenta a medida em que não se encontram problemas na forma como os costumes e tradições estão postos.

Porém neste ponto Laraia diz apenas que este pode ser mais rápido ou brusco, e ao contrário do referido autor acredita-se que este possa ser definido como positivo ou negativo. O encontro entre duas culturas distintas pode ser positivo na medida em que se somam conhecimentos e a partir deste surgem novas formas de fazer, mas é extremamente negativo quando uma cultura subjuga a outra, sobrepondo- a, colocando em condições periféricas e sem condições básicas de subsistência ou ainda quando dita regras para praticas tradicionais da cultura que está sendo sobreposta, sem a devida somatória de saberes, e agregação de um dado conhecimento.

Por inúmeras vezes estas pessoas têm problemas com as unidades de conservação, Adams (2002) vem dizer que existem dois processos que definem este tipo de situação sendo "...o primeiro os genericamente chamados de antropocentristas que defendem a permanência destas populações nestas regiões com base no baixo impacto de sua atividade de subsistência, fruto do etnoconhecimento sobre o ambiente onde vivem. E a segunda os conservacionistas que defendem a retirada das populações tradicionais destas áreas, baseando-se na fragilidade dos ecossistemas e nos inúmeros exemplos de degradação causados pelo homem. "

Existe também a religiosidade que por muitas vezes proíbem as pessoas de irem às festas, pois dão a estas comemorações um sentido pagão, tornando estas populações cada vez mais distantes de suas histórias e cultura, uma vez que estas comemorações têm

grande importância na reafirmação sócio cultural de um grupo, além de serem nestes momentos de encontro que se tem uma maior transmissão das lendas regionais.

Percebemos no levantamento e nas entrevistas, que na medida em que a estória se distancia de sua realidade, seja esta pela mudança do modo de vida do local onde surgiu ou mesmo pelo crescimento populacional, estas estórias se descaracterizam. Abaixo podemos observar alguns exemplos:

1) “A Viola do Saci

Um dia, estava tendo um fandango de mutirão, daqueles bem animados. Foi quando no meio do fandango apareceu um rapaz com uma viola e pediu pra cantar uns versos. Cantou somente versos novos, que ninguém conhecia. O fandango “pegou fogo”. O estrondo do tamanco se ouvia de longe. Todos estavam admirados com aquele violeiro.

Mas um menino, que estava quase dormindo, viu uma coisa estranha: às vezes o sapato do rapaz desconhecido brilhava como se fosse de lata. O rapaz cantor, entretido com o assédio de todos, não percebeu a curiosidade do menino, que bem devagarzinho levantou a barra de sua calça e viu que o cantor, no lugar dos pés, tinha patas como as de um boi. O menino assustado queria avisar o pai, mas o pai, entretido com a dança, não deu importância para o que o menino dizia. De tanto o menino chamar, o pai teve de olhar e realmente avistou o pé do estranho. Rapidamente avisou o dono da casa, que assustado começou a rezar: “fechem a porta e apaguem a luz, estamos com diabo em casa, vamos rezar um credo em cruz”. E no mesmo instante no meio da sala, houve um arrebento: o lugar se encheu de fumaça e onde o rapaz estava sentado apareceu uma barcaça de jerivá. É por isso que dizem que a barcaça do jerivá é a viola do saci.” *História extraída do livro As lendas na educação caiçara do projeto Cultimar.*

2) “A Viola, o Saci e a bola

Dona Matilde moradora da Ilha de Valares em Paranaguá nos contou a seguinte história:

Segundo ela, ainda era menina quando seu pai saiu na varanda de casa para tocar uma viola que havia pescado em sua rede de pesca, ela e sua irmã jogavam bola no quintal enquanto o pai tocava. De repente elas ouviram umas risadas, então olharam para o pai e ele tocava a viola com tanta presteza que D. Matilde estranhou e disse a irmã: - O papai não

sabe tocar viola, sabe? E então a irmã disse: - E ele também não ta rindo. Com medo nós saímos de lá disse D. Matilde e meu pai ficou tocando, de repente ele entrou em casa dizendo que aquela viola era de Jerivá foi uma trapaça do Saci e que ele teve que rezar um credo para se livrar. Perguntei o que ele tinha feito com a viola, ele disse que ao rezar o credo ela sumiu e que do nada nossa bola estourou. Ele disse que tinha sido o Saci por que estava com raiva por ter sido descoberto. ”

A Lenda do Saci data do fim do século XVIII. Seu nome no Brasil é de origem Tupi Guarani. *Segundo o livro, As lendas na educação caiçara do projeto Cultimar, “O saci, na cultura caiçara, é representado por um pássaro chamado fim-fim, mas ganha vários nomes diferentes: fiste, pele-pele, dianho, tinhoso, mardito. No litoral do Paraná, o fim-fim também canta para anunciar dias quentes. A crença é que não presta imitá-lo, pois se você o fizer, ele te seduz, te leva para o mato e nesse momento se transforma no fiste e dá uma surra de galho no curioso. Normalmente, isso acontece com os cachorros e, nesse caso, a recomendação é lavar o animal com água de sal e benzê-lo para que não fique desconfiado”.*

Como podemos observar nas estórias acima, percebe-se que explicam a mesma crença de que a viola de Jerivá é feita pelo Saci, porém só se percebe isto por se conhecer a outra estória, pois separadamente não faríamos ligação entre elas.

Neste sentido embora saibamos as várias formas de interferências culturais percebe-se que ao longo do tempo certas lendas e contos perdem sentido por não fazerem mais parte do contexto social atual. Desta forma estas entram em um “limbo”, existem, mas neste momento são somente lembranças ou ainda registros de uma determinada época. Porém a importância de não se perder estes contos e lendas no tempo tem o valor de identidade. Estas estórias de uma forma geral estão contextualizadas com a região, relatam e tentam explicar fenômenos naturais, e ou acontecimentos de uma época.

A apropriação das mesmas faz com que o indivíduo desde criança tenha um pequeno laço com o local, é este laço que chamamos de “identidade local” e é de extrema importância uma vez que já constatamos que nosso litoral esteve sempre como forma de passagem entre os estados de São Paulo e Rio Grande Sul como bem retrata Romário Martins e ainda hoje se encontra na mesma situação que somada à sazonalidade, leva junto com o que traz de outras culturas nossos jovens e que perdem identidade com a região tornando-a cada vez mais distante dos seus, perdendo seu valor social, político, econômico, histórico e cultural ano após ano.

Com isto foi possível elaborar um gráfico com as lendas coletadas podendo observar as mais conhecidas e as lendas que já estão caindo em processo de desconhecimento, sendo mais conhecidas as lendas como Saci Pererê, A Merda da Lua, O Pai do Mato, A Índia Sereia Piragui, o Sambaqui e as Bruxas e as menos conhecidas como, O carona da Bicicleta, A cabeça do enforcado, Maré Vazante, O Pescador entre o Mar, o sol e o Vento e a A Sundará (Figura 2).

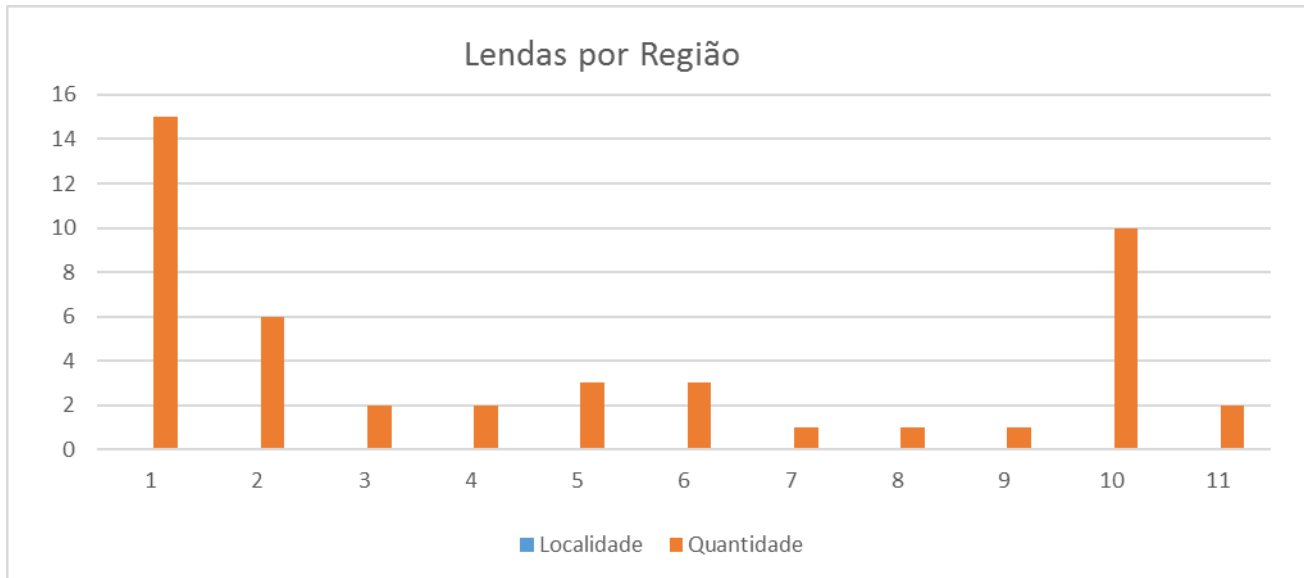


LEGENDA	Nome	Índice	Nome
1	A Saga de Caetana	13	A lenda da cabeça do enforcado
2	A Lenda do Pai do Mato	14	A lenda do brejo que canta
3	Saci-Pererê	15	A Urutágua
4	Fantasma do Central	16	O Corpo Fechado
5	A Lenda do Pirata Zulmiro	17	As bruxas
6	A Índia Sereia Piragui	18	A Pedra do Peixe
7	O Sambaqui	19	A Maré Vazante
8	A procissão dos mortos	20	O pescador entre o Mar o sol e o vento
9	O carona da bicicleta	21	A viola do saci
10	A Merda da Lua	22	A Sundará
11	O homem de branco	23	Lenda do Divino Espírito Santo
12	A lenda das rosas loucas	24	Lendas do Mar
		25	Figueira do corpo seco

Figura 2: Gráfico de lendas coletadas.

Também foi possível elaborar um gráfico com o total de lendas desde as levantadas via plataforma google e as levantadas via bibliografia totalizando 46 lendas em toda a região litorânea.

Figura 3.



1	S/ localidade definida	7	Guaratuba
2	Morretes	8	Pontal do Paraná
3	Antonina	9	Super- aguí
4	Guaraqueçaba	10	Ilha dos Valadares
5	Matinhos	11	Ilha do Mel
6	Paranaguá		

Figura 3: Gráfico de lenda por região dados questionário online e revisão bibliográfica.

5. CONCLUSÕES

Foi possível observar nos momentos de pesquisa que algumas regiões possuem mais ligação com as lendas do que outras, quando separamos por local é possível observar que localidades como Guaraqueçaba têm, ao longo dos anos, se afastado de suas histórias entrando em um processo diferenciado de pertencimento e cultura.

Também foi possível observar que isto ocorre devido a fatores externos a sua população, como a religião que interpreta contos, lendas e seus personagens como seres malignos que tem conotação pagã.

Pode-se observar que por estar inserida em uma APA federal, ocorre a alteração no processo do fazer cultural local uma vez que esta comunidade está restrita as normas de preservação ambiental.

Foi possível observar que na região costeira é mais forte o processo de conhecimento das lendas devido às festas religiosas, que mantem o folclore da região através de apresentações artísticas que ocorrem nos momentos de festejo das cidades litorâneas.

REFERÊNCIAS

ADAMS. C. apud ADAMS. **Identidade Caiçara: Exclusão histórica e sócio ambiental**. IV Simpósio Brasileiro de Etonobiologia e Etnoecologia. disponível em : http://arquivos.proderj.rj.gov.br/inea_imagens/downloads/pesquisas/RE_Juatinga/Adams_2002.pdf Acessado em 25/03/2015.

BATISTA. D.M. **A Internet e Livro: Uma falsa dicotomia**. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação v. 4, n. 1, 2011. Disponível em : <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000012523&dd1=1c57e> Acessado em: 27/08/2015.

CARDOSO apud CERTEAU. **Narrativa e História**. Tempo soc. vol.12 no.2 São Paulo Nov. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702000000200002&script=sci_arttext Acesso em : 26 /07/2015.

CUNHA, C. M. FISCHER, J. **O ensino da artes e leitura de imagem**. PUCPR, 2009. disponível em : http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2540_1250.pdf Acessado em 25/03/2015.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/12928.pdf> Acessado em 25/03/2015.

DIEGUES. A.C. at au. **Biodiversidade e comunidade tradicionais no Brasil**. São Paulo. USP . 1999. disponível em : <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/ arquivos/saberes.pdf> Acessado em 25/03/2015.

ESTADES. N.P. **O litoral do Paraná: entre a riqueza e a pobreza social**. Revista do Programa de pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, n8, p 25-41, jul/dez, 2003. Editora UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/22047/14408> Acessado em: 27/08/2015.

FILHO, B. N. S. **Lendas e Tradições do Paraná**. Imprensa da Universidade Federal do Paraná. 1972, pagina 23.

FILHO, B. N. S. **Lendas e Tradições do Paraná**. Imprensa da Universidade Federal do Paraná. 1972, pagina 28.

ICMbio. **APA de Guaraqueçaba**. Disponível em : <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2244-apa-de-guaraquecaba.html> Acessado em:28/08/2015.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico**. 21ªed. Rio de Janeiro. Editora: Jorge Zahar, 2007, pag.96.

MARTINS. R. **História do Paraná**. 3º ed. Editora Guairá Limitada – Curitiba, PR. Sem data, Cap. 1 Definições Gerais.

MATEUS, A.N.B. et al. **A Importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. PUCMG, 2012. disponível em : <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227> Acessado em 25/03/2015.

MORAN. J.M. **Como utilizar a internet na educação**. Ci. Inf. v. 26 n. 2 Brasília May/Aug. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-19651997000200006&script=sci_arttext Acessado em: 27/08/2015.

PONDÉ, L.F. **O que um livro Infantil?** São Paulo. Editora: Paulinas, 1989, p28.

VANHONI. F et al. **O clima do Litoral do estado do Paraná**. Revista brasileira de climatologia. 2008 ISS 1980-055X. Disponível em : https://dl.dropboxusercontent.com/u/86423782/Vanhoni_2008.pdf Acesado em : 27/08/2015.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p.37 – 95.